



# To X or not to X?



**D**omingo à noite, depois de um fim de semana *offline*, vou pegar meu mail e lá vem a pilha de mensagens respassadas. Amigos (poucos e bons), propaganda (lixo, muito lixo, quanto lixo!), *mailing lists* (listas de discussão; o nome em português é mais correto :-)) etc. Numa das listas, sobre Mac, encontro uma longa cadeia de mensagens, coisa rara em um domingo. Como o título não permitia saber o que se discutia, abro a mensagem inicial, e me surpreendo com um protesto contra o Mac OS X e um elogio ao 9, que o autor usava e não pretendia trocar tão cedo pelo X, especialmente diante do que via. “O que via” era uma mensagem em que se discutia truques de linha de comando. Em uma lista de Mac, para seu desagrado e espanto. Bem, isso tudo para começar a falar o que pretendo sobre o Mac OS X.

Primeiro que tudo: vamos ser realistas. Não adianta reclamar. É desperdício de energia. O Mac OS X é o Mac OS daqui para a frente. Ou seja: hoje. Para ele serão escritos os programas e projetados itens de hardware, CPUs, placas de vídeo e até interfaces de áudio profissionais. Segundo: enquanto, no passado, a Apple e os desenvolvedores de software se preocupavam com a compatibilidade das novas versões do OS e dos softwares com as máquinas antigas, com pouca RAM, pouco HD e processadores lentos, hoje escrevem praticamente apenas para as máquinas que estão em linha. Para a Apple –

sempre é bom lembrar, a Apple é uma empresa de capital aberto, da qual se espera lucro – significa redução de custo, o que é importante em uma indústria que vive de margens estreitas e em uma época de crise. Para o usuário que compra máquinas novas, significa aproveitar melhor o computador que comprou. Mas para quem tem modelos antigos, é a morte anunciada do seu equipamento. Ruim? É, negócios não são arte. Lucro não é uma coisa simpática. Mas a Apple se tornou novamente lucrativa após a volta de Jobs, não por conta do sucesso de vendas do iMac, iBook ou G3s beges ou azuis, mas sim porque a equipe que veio com Jobs tomou decisões drásticas e impopulares como essa, mas que têm gerado lucros sucessivos. Todo usuário convicto gosta de enumerar esses dados, para garantir à oposição que “o Mac não está morto”, e que “Bill Gates não comprou a Apple” (para quem ainda não sabe, a Microsoft comprou alguns milhões em ações sem direito a voto, à prestação, aparentemente como parte de um acordo legal, e também para evitar que o único concorrente fechasse e seu monopólio fosse indiscutível). Enfim, ao engolirmos este sapo, estamos pagando para ter a Apple aberta e funcionando. Antes a Apple era pródiga, e dava prejuízo.

Mas voltemos ao OS X. Ele tem um outro aspecto. Redefine os papéis do usuário e o do técnico. No Mac OS “antigo”, quase todo usuário se considerava um *expert* (e quase nenhum era, a

experiência mostra), e, frequentemente, se arvorava a “conselheiro” de neófitos e até mesmo consultor de empresas. Isso porque o usuário precisava intervir muito mais frequentemente no OS, fosse por conta de programas, fosse por conta do sistema. O X é um sistema muito mais sólido. O usuário leigo – seja ele apenas um leitor de emails e autor de textos, seja um designer gráfico ou editor de vídeos – precisa intervir muito menos no OS e nas suas “entranhas”. Por outro lado, “abrir o capô” do Mac OS X não é mais coisa para usuários. É assunto sério, para profissionais habilitados, e, principalmente, estudiosos e experientes (assim, tipo o Freitas). Não dá mais pra sair arrastando qualquer coisa para qualquer lugar. Para quem, como eu, trabalha em ambientes de produção, é uma bênção. Não precisarei mais me desviar do caminho de casa à meia-noite porque durante o dia alguém mexeu no Extensions Manager de uma estação de vídeo e agora não funciona mais e há trabalho precisando ser finalizado. Basta configurar a máquina como administrador e criar um usuário para o operador da estação, sem permissão para deletar, instalar ou configurar nada além do estritamente necessário. Estou legislando em causa própria? Não. Na minha experiência como consultor, vejo que muitos dos problemas do Mac vêm exatamente desse usuário interventor que, ao contrário do usuário de Windows que teme pôr tudo abaixo, não tem o menor temor de revirar o seu Mac.

Finalmente, a afirmação categórica é: “o X não tem programas!” Mais ou menos. Não tem todos. Vai ter mais, em breve. Não tão rápido quanto sonham os entusiastas de carteirinha (fala, Alê!), mas mais rápido do que gostariam os pessimistas de plantão. Falei muito, mas você deve estar se perguntando: “Mudo para o X ou não?”. Se você tem um Mac com processador mais rápido que 400 MHz, 256 MB ou mais de RAM e seus programas importantes de trabalho (ou prazer) já foram portados para o X, a resposta é: “Sim!”, com certeza. Se o seu Mac é lento, se você não tem RAM o bastante ou se precisa usar o Photoshop, por exemplo, então espere um Mac mais rápido e com mais RAM e/ou o seu software de fé ser portado para o X, o que (o porte, não o upgrade do seu Mac) deve significar “até o fim deste semestre”. Mas não fique pensando que você vai escapar dessa. Mac OS X, você ainda vai ter um! **M**

## MARIO JORGE PASSOS

É consultor e acha que está precisando casar de novo.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.